

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTOPENSAR NOS
APROXIMA

Apresentação

Patrocínio

Parceria Cultural

Parceria Institucional

Braskem

Unimed
Porto AlegreHOSPITAL
MOINHOS DE VENTO

MARISTA

PUCRS

UNICRED

GUILHERME JUSTINO

guilherme.justino@zerohora.com.br

Siddhartha Mukherjee foi provocador: repetidas vezes ao longo de sua palestra no Fronteiras do Pensamento em Porto Alegre, na segunda-feira, o oncologista indiano-americano indagou à plateia do Salão de Atos da UFRGS o que faria diante de situações hipotéticas envolvendo a possível descoberta de doenças antes mesmo do nascimento de um feto.

– Se vocês pudessem saber, com considerável precisão, baseada na genética, que a filha de vocês que está por nascer tem alto risco de desenvolver câncer de mama, que decisão tomariam? – desafiou.

As situações, ele revelaria, já não são assim tão hipotéticas.

– Estamos prestes a inventar um mundo em que podemos prever o risco de desenvolvimento de um tipo de câncer muito antes de isso se tornar detectável. Um risco que pode ser verificado ainda no feto – sentenciou o médico.

O tom provocativo, explicou Mukherjee, não tinha a intenção de assustar, mas de informar. Foi com esse mesmo objetivo que ele escreveu o livro *O Imperador de Todos os Males – Uma Biografia do Câncer*, que se tornou best-seller e surgiu a partir da conversa com uma paciente na qual o oncologista percebeu não existir, então, uma obra que pudesse indicar para explicar o câncer de sua origem até os dias atuais. A obra levou o Prêmio Pulitzer, em 2011, na categoria geral de não ficção.

Diante de um Salão de Atos lotado para a quinta conferência do ciclo Fronteiras do Pensamento neste ano, Mukherjee começou a palestra afirmando que, em uma pesquisa realizada há 22 anos nos EUA, as duas palavras que os entrevistados mais disseram temer eram “tubarão” e “câncer”. Sobre a primeira, não teria muito o que falar; já sobre a doença, tinha bastante o que explicar.

– O que é essa coisa de que temos tanto medo? Como surgiu, por que ainda existe, qual o futuro do câncer? São algumas das perguntas que eu quero responder hoje. Quero que vocês tenham menos medo, quero que entendam que estamos fazendo de tudo para resolver esse problema.

O medo – mais do que da palavra, da doença – tem origem também no pouco conhecimento que se tinha do câncer, algo que Mukherjee explica em sua “biografia” da doença. O termo “câncer”, ele afirma, sequer era ouvido nos círculos médicos há uma centena de anos. Atualmente, sabe-se muito mais sobre suas origens, seu desenvolvimento no corpo humano e seus efeitos. Ainda assim, todo o conhecimento científico em

“Quero que vocês tenham menos medo do câncer”

SIDDHARTHA MUKHERJEE, autor do premiado best-seller “O Imperador de Todos os Males”, fez palestra no Fronteiras do Pensamento



O CICLO DE CONFERÊNCIAS

O Fronteiras do Pensamento Porto Alegre é apresentado por Braskem, com patrocínio Unimed Porto Alegre e Hospital Moínhos de Vento, parceria cultural PUCRS e empresas parceiras CMPC Celulose Riograndense

e Souto Correa. A parceria institucional é da Unicred. Universidade parceira: UFRGS. Promoção: Grupo RBS. A próxima conferência será em 8 de outubro, com o artista chinês Ai Weiwei.

“

A diversidade de tipos de câncer em humanos é igual à diversidade de seres humanos. Não há uma única outra doença cuja diversidade espelhe a diversidade de pacientes que têm a doença. E esse é um dos maiores desafios.

SIDDHARTHA MUKHERJEE
Oncologista indiano-americano

que têm sido concentrados esforços para compreender a doença não bastam para explicá-la completamente. Isso porque o câncer é um mal sem precedentes:

– Cada caso de câncer é um caso individual. A diversidade de tipos de câncer em humanos é igual à diversidade de seres humanos. Não há uma única outra doença cuja diversidade espelhe a diversidade de pacientes que têm a doença. E esse é um dos maiores desafios da medicina.

E por que isso não deve causar medo? Porque o câncer, garante o médico, tem sido muito melhor compreendido. A partir de abordagens personalizadas, levando hereditariedade, genética, hábitos de cada pessoa em consideração, tem sido possível pesquisar e desenvolver novos tipos de tratamento, que cada vez mais conseguem possibilitar sobrevida aos pacientes. Em nenhum momento da palestra, porém, Mukherjee propôs esperanças de encontrar alguma cura que seja aplicável a todos os casos de câncer.

Ao fim da apresentação, houve conversa mediada pelos médicos Carlos Alexandre Netto e Luiz Antônio Nasi. Questionado sobre o medo que os pacientes oncológicos sentem do futuro – pergunta em que foi lembrado o livro *Hoje Eu Venci o Câncer*, do jornalista David Coimbra –, Mukherjee empregou uma mensagem realista mas também, na medida do possível, otimista:

– É algo que acontece fundamentalmente porque não sabemos o que pode acontecer (com o desenvolvimento da doença em um paciente). Não posso prevenir a morte. Mas posso tirar a dor física. Posso evitar alguns fatores que podem levar à morte.

Com os livros, com as palestras, a intenção do médico é levar a sociedade a se aproximar desse universo científico. Para ele, é preciso fazer que esses questionamentos, que os problemas envolvidos no combate ao câncer e também as boas notícias cheguem ao alcance de todos:

– Eu posso ter as informações técnicas, os dados, mas as decisões são comuns a toda a humanidade. E, por isso, as pessoas precisam saber onde estamos. Se você não souber agora, isso vai acabar chegando até você.